

A menina que pisou no pão

Vocês, certamente, já ouviram falar da menina que pisou no pão para não sujar os sapatinhos, e também sabem como tudo terminou mal para ela. Sobre isso já se escreveu e imprimiu.

Ela era pobre, mas orgulhosa e arrogante. Nela, como se diz, havia maus instintos. Ainda pequena, adorava apanhar moscas e arrancar-lhes as asas; gostava de ver como aquelas criaturas voadoras se transformavam em rastejantes. Também apanhava besouros de maio e escaravelhos, espetava-os em alfinetes e colocava sob suas patinhas uma folha verde ou um pedacinho de papel. O pobre inseto agarrava-se ao papel com as patas, contorcia-se e encurvava-se, tentando libertar-se do alfinete, enquanto Inge ria:

— O besouro de maio está lendo! Vejam só como vira a página!

Com o passar dos anos, ela ficava pior em vez de melhor; para sua infelicidade, era extremamente bonita, e embora recebesse algumas repreensões, nunca eram tão severas quanto deveriam ser.

— É preciso um puxão de orelhas bem forte para esta cabeça! — costumava dizer sua própria mãe. — Quando criança, muitas vezes pisaste no meu avental; receio que, quando cresceres, venhas a pisar no meu coração!

Foi exatamente isso que aconteceu.

Inge foi trabalhar como empregada numa casa nobre, na residência de um proprietário rural. Os senhores tratavam-na como se fosse sua própria filha, e, com roupas novas, Inge parecia ainda mais bonita; contudo, seu orgulho crescia cada vez mais.

Passou um ano inteiro vivendo com seus patrões, até que estes lhe disseram:

— Deverias visitar teus velhos pais, Inge!

Inge partiu, mas apenas para mostrar-se à família vestida com todas as suas melhores roupas. Já havia chegado aos arredores de sua aldeia natal, quando de repente viu que junto ao lago estavam conversando moças e rapazes, e não muito longe, sobre uma pedra, descansava sua mãe com um feixe de lenha recolhida na floresta. Inge deu meia-volta imediatamente: sentiu vergonha de ter, sendo ela uma jovem tão bem vestida, uma mãe tão maltrapilha, que ainda por cima

carregava sozinha lenha da floresta. Inge nem sequer lamentou não ter encontrado os pais; sentiu apenas aborrecimento.

Passaram-se mais seis meses.

— Precisas visitar teus velhos pais, Inge! — disse-lhe novamente a patroa. — Aqui tens um pão branco; leva-o a eles. Como ficarão contentes contigo!

Inge vestiu seu melhor vestido, calçou sapatos novos, levantou ligeiramente a barra do vestido e caminhou cuidadosamente pela estrada, procurando não sujar os sapatinhos — nisso, realmente, não havia motivo para censurá-la. Mas eis que o caminho desviou para um terreno pantanoso; era necessário atravessar uma poça lamacenta. Sem pensar duas vezes, Inge atirou seu pão na poça, para pisar sobre ele e atravessar sem molhar os pés. Porém, assim que colocou um pé sobre o pão e levantou o outro, preparando-se para dar o passo em direção ao lugar seco, o pão começou a afundar com ela cada vez mais profundamente na terra — e apenas bolhas negras surgiram sobre a poça!

Eis aí a história!

Para onde foi parar Inge? Caiu na cervejaria da Mulher do Pântano. A Mulher do Pântano é tia dos duendes das florestas e das donzelas silvestres; estes são conhecidos de todos: deles já se escreveu em livros, compuseram-se canções e foram retratados diversas vezes em pinturas; já da Mulher do Pântano sabe-se muito pouco; somente quando, no verão, surge névoa sobre os prados, as pessoas dizem que "a Mulher do Pântano está brewando cerveja!" Foi precisamente em sua cervejaria que Inge caiu, e ali ninguém consegue resistir por muito tempo! Um esgoto seria uma câmara clara e luxuosa em comparação com a cervejaria da Mulher do Pântano! De cada tonel exala um odor tal que faz qualquer pessoa enjoar, e há toneladas disso aos montões, dispostas bem juntas umas das outras; e se acaso entre algumas delas houver uma frestinha, logo se tropeça em sapos encolhidos em bola, molhados, e em rãs gordas. Sim, foi exatamente para lá que Inge foi parar! Encontrando-se no meio dessa mistura viva, fria, pegajosa e repugnante, Inge começou a tremer e percebeu que seu corpo começava a entorpecer. O pão grudava firmemente em seus pés e puxava-a consigo, tal como uma bolinha de âmbar atrai uma palhinha.

A Mulher do Pântano estava em casa; naquele dia, sua cervejaria recebeu visitas: o Diabo e sua bisavó, uma velhinha venenosa. Ela nunca fica ociosa; mesmo quando vai a visitas, leva consigo algum tipo de trabalho manual: ora cose sapatos de couro que, uma vez calçados, tornam a pessoa incapaz de ficar parada; ora borda fofocas; ou, finalmente, tricota palavras imprudentes que escapam da boca das

peessoas — tudo para prejudicar e arruinar os seres humanos! Sim, a bisavó do Diabo é mestra em costurar, bordar e tricotar!

Ela viu Inge, ajustou os óculos, olhou-a novamente e disse:

"Esta tem bons instintos! Peço-vos que me cedais esta menina em lembrança da visita de hoje! Dela sairá uma excelente estátua para o hall de entrada da casa do meu bisneto!"

A Mulher do Pântano cedeu-lhe Inge, e a menina foi parar no inferno — pois pessoas com tais instintos podem chegar lá não pelo caminho direto, mas por rotas indiretas!

O hall de entrada ocupava um espaço infinito; olhar para frente fazia a cabeça girar, olhar para trás produzia o mesmo efeito. Todo o hall estava repleto de pecadores exaustos, aguardando que as portas da misericórdia se abrissem a qualquer momento. Tinham de esperar longamente! Enormes, gordas e cambaleantes aranhas enrolavam suas pernas com teias milenares; estas os apertavam como tenazes, acorrentando-os mais fortemente que correntes de bronze. Além disso, as almas dos pecadores eram atormentadas por uma angústia eterna e dolorosa. O avarento, por exemplo, sofria por ter deixado a chave fechada na fechadura de seu cofre; outros... e não haveria fim se começássemos a enumerar os tormentos e sofrimentos de todos os pecadores!

Inge teve de experimentar todo o horror da condição de estátua; seus pés estavam como parafusados ao chão.

"Eis-te limpa! Não quis sujar os sapatos, e veja só em que estado estou agora!" — dizia ela a si mesma. "Olhem como estão me encarando!" De fato, todos os pecadores olhavam para ela; más paixões brilhavam em seus olhos, que falavam sem palavras; o terror tomava conta de quem quer que os fitasse!

"Bem, pelo menos é agradável olhar para mim!" — pensava Inge. "Sou bonita e estou bem vestida!" E ela movia os olhos para observar a si mesma — seu pescoço não se mexia. Ah, como estava suja após a queda na cervejaria da Mulher do Pântano! Nem sequer havia pensado nisso! Seu vestido estava inteiramente coberto de lodo; uma serpente enrolara-se em seus cabelos e batia-lhe no pescoço, e de cada dobra do vestido surgiam sapos que latiam como cães roucos e gordos. Que situação desagradável! "Bem, os outros aqui também não parecem melhores do que eu!" — consolava-se Inge.

Mas o pior de tudo era a sensação de fome terrível. Será que não poderia inclinar-se e partir um pedaço do pão sobre o qual estava? Não, suas costas não se curvavam, mãos e pés não se moviam; estava toda como petrificada e só podia

mover os olhos em todas as direções, ao redor, até mesmo revirando-os nas órbitas para olhar para trás. Que nojo! E, além de tudo isso, apareceram moscas e começaram a rastejar sobre seus olhos, indo e vindo; ela piscava, mas as moscas não voavam — tinham as asas arrancadas e só podiam rastejar. Que suplício! E ainda aquela fome! Por fim, Inge começou a sentir como se suas próprias entranhas tivessem devorado a si mesmas, e dentro dela ficou vazio, terrivelmente vazio!

— Bem, se isto continuar por muito tempo, não resistirei! — disse Inge, mas teve de resistir: nenhuma mudança ocorria.

De repente, uma lágrima quente caiu sobre sua cabeça, escorreu pelo rosto até o peito e depois sobre o pão; após ela, outra, terceira, toda uma chuva de lágrimas. Quem poderia chorar por Inge?

Acaso não lhe restava na Terra uma mãe? As lágrimas amargas derramadas pela mãe por causa de seu filho sempre chegam até ele, mas não o libertam; apenas queimam, aumentando seus sofrimentos. Contudo, a fome terrível e insuportável era, ainda assim, o pior de tudo! Pisar no pão com os pés e não poder partir dele nem um pedacinho! Parecia-lhe que tudo dentro dela havia sido consumido por si mesmo, e ela tornara-se uma fina e vazia haste de junco, absorvendo cada som. Ouvia claramente tudo o que diziam sobre ela lá em cima, e só falavam coisas ruins. Até mesmo sua mãe, embora a chorasse amarga e sinceramente, repetia: "O orgulho não leva a nada de bom! Foi o orgulho que te perdeu, Inge! Como me fizeste sofrer!"

Tanto a mãe de Inge quanto todos os que estavam lá em cima já sabiam de seu pecado; sabiam que ela pisara no pão e afundara através da terra. Um pastor testemunhara tudo aquilo de cima de uma colina e contou a outros.

— Como fizeste sofrer tua mãe, Inge! — repetia a mãe. — Eu já não esperava outra coisa!

"Mais vale que eu nunca tivesse nascido!" — pensava Inge. "Que adianta agora minha mãe choramingar por mim?"

Ouviu também as palavras de seus patrões, pessoas respeitáveis que a tratavam como filha: "Ela é uma grande pecadora! Não honrou os dons de Deus, pisoteou-os com os pés! Não tão cedo se abrirão para ela as portas da misericórdia!"

"Educaram

"Se ao menos me tratassem melhor, com mais rigor! — pensava Inge. — Expulsassem de mim os vícios, se é que eles habitavam em mim!"

Ouvia ela também a canção que as pessoas haviam composto sobre ela, a canção da menina orgulhosa que pisara no pão para não sujar os sapatos. Todos a cantavam.

"Só de pensar em tudo o que tive de ouvir e sofrer por minha falta! — pensava Inge. — Que outros pagassem também pelas suas! E quantos teriam de pagar! Oh, como eu sofro!"

E a alma de Inge tornava-se ainda mais grosseira, mais dura que sua casca.

— Num sociedade como esta, ninguém melhora! E eu não quero melhorar! Olhem só como me encaram! — dizia ela, endurecendo-se e enchendo-se de ódio contra todos os homens. — Alegraram-se, encontraram agora sobre o que tagarelar! Oh, como eu sofro!

Ouvia também como contavam sua história às crianças, e os pequeninos a chamavam de ímpia.

— Ela é tão má! Que agora sofra bastante! — diziam as crianças.

Apenas coisas ruins ouvia Inge sobre si mesma da boca das crianças. Mas certa vez, atormentada pela fome e pela maldade, ouviu novamente seu nome e sua história. Contavam-na a uma inocente e pequena menina, e a pequenina de repente desatou a chorar pela orgulhosa e vaidosa Inge.

— E será que ela nunca mais voltará aqui, para cima? — perguntou a pequenina.

— Nunca! — responderam-lhe.

— E se ela pedir perdão, prometendo nunca mais fazer tal coisa?

— Mas ela não quer mesmo pedir perdão!

— Ah, como eu gostaria que ela pedisse perdão! — disse a menina, e durante muito tempo não conseguiu consolar-se. — Eu daria minha casa de bonecas, apenas para que lhe permitissem voltar à terra! Pobre, pobre Inge!

Estas palavras chegaram ao coração de Inge, e ela sentiu como se lhe fosse mais leve: pela primeira vez encontrara uma alma viva que dissera: "pobre Inge!" — sem acrescentar uma só palavra sobre seu pecado. A pequena e inocente menina chorara e rogara por ela!... Um sentimento estranho tomou conta da alma de Inge; ela quase choraria também, mas não pôde, e isso foi um novo tormento.

Na terra, os anos voavam como flechas, debaixo da terra tudo permanecia como antes. Inge ouvia seu nome cada vez mais raramente — na terra lembravam-se dela cada vez menos. Mas certo dia chegou até ela um suspiro:

"Inge! Inge! Como me entristeceste! Eu sempre previ isto!" Era a mãe de Inge que morria.

Ouvia ela às vezes seu nome também da boca dos antigos patrões.

A patroa, contudo, expressava-se sempre com humildade: "Talvez ainda nos encontremos contigo, Inge! Ninguém sabe para onde irá!"

Mas Inge sabia que sua respeitável senhora não iria parar onde ela estava.

Lentamente, dolorosamente lento, arrastava-se o tempo.

E eis que Inge ouviu novamente seu nome e viu como acima dela brilharam duas estrelas luminosas: era um par de olhos mansos que se fechava na terra. Já haviam passado muitos anos desde que a pequena menina chorara inconsolavelmente pela "pobre Inge": a pequenina crescera, envelhecera e fora chamada por Deus para Si. No último instante, quando na alma acendem com luz brilhante as recordações de toda uma vida, lembrou-se a moribunda também de suas lágrimas amargas por Inge, e de modo tão vivo que involuntariamente exclamou:

"Senhor, talvez também eu, como Inge, sem disso me dar conta, tenha pisado Teus dons bondosos, talvez também minha alma estivesse contaminada pelo orgulho, e somente Tua misericórdia não me deixou cair mais baixo, mas me sustentou! Não me abandones em minha última hora!"

E os olhos corporais da moribunda fecharam-se, enquanto os espirituais se abriram, e como Inge fora seu último pensamento, ela viu com seu olhar espiritual o que estava oculto aos olhos terrestres — viu quão baixo caíra Inge. Diante desta visão, a alma piedosa inundou-se de lágrimas e apresentou-se ao trono do Rei Celestial, chorando e orando pela alma pecadora tão sinceramente quanto chorara quando criança. Estes soluços e súplicas ecoaram na casca vazia que encerrava a alma atormentada, e a alma de Inge ficou como que oprimida por este inesperado amor por ela no céu. Um anjo de Deus chorava por ela! Com o que merecera isto? A alma exausta voltou-se para toda a sua vida, para tudo quanto fizera, e inundou-se de lágrimas tais que Inge jamais conhecera. A compaixão por si mesma encheu-a: parecia-lhe que as portas da misericórdia permaneceriam para sempre fechadas para ela! E então, apenas reconheceu isto com contrição, um raio de luz penetrou no abismo subterrâneo, mais forte que o sol, que derrete um boneco de neve feito no pátio pelos meninos, e mais rápido do que derrete na boca quente de uma criança um floco de neve, derreteu-se a casca petrificada de Inge. Uma pequena pássaro disparou como um relâmpago das profundezas para a liberdade. Mas, encontrando-se no meio da luz branca, encolheu-se de medo e vergonha — temia a todos, envergonhava-se e escondeu-se apressadamente numa fenda escura

de alguma parede meio arruinada. Ali ficou sentada, encolhida, tremendo por todo o corpo, sem emitir som algum — pois não tinha voz. Muito tempo ficou assim, antes de ousar olhar em redor e admirar a magnificência do mundo de Deus. Sim, magnífico era o mundo de Deus! O ar era fresco e suave, a lua brilhava intensamente, as árvores e os arbustos exalavam perfume; no cantinho onde se abrigara a passarinha, havia tanto conforto, e sua roupinha era tão limpa e enfeitada. Que amor, que beleza estavam derramados no mundo de Deus! E todos os pensamentos que se agitavam no peito da passarinha estavam prontos para transbordar em canto, mas a passarinha não podia cantar, por mais que o desejasse; não podia cucucar como o cuco, nem trinar como o rouxinol! Mas Deus ouviu até o louvor mudo do verme e ouviu também este louvor sem voz, que mentalmente subia ao céu como um salmo que soava no peito de Davi, antes que ele encontrasse para ele palavras e melodia.

O louvor mudo da passarinha crescia dia após dia e apenas aguardava a ocasião de transbordar numa boa ação.

Chegou a véspera de Natal. Um camponês colocou junto à cerca uma vara e amarrou no topo dela um feixe de aveia não debulhado — para que também as passarinhas celebrassem alegremente a festa do Nascimento do Salvador!

Na manhã de Natal, o sol levantou-se e iluminou o feixe; vivamente voaram para o banquete as passarinhas chilreadoras. Da fenda na parede também se ouviu: "piu! piu!" O pensamento transbordou em som, o fraco pio foi um verdadeiro hino de alegria: o pensamento preparava-se para incarnar-se numa boa ação, e a passarinha voou para fora de seu refúgio. No céu sabiam que passarinha era aquela.

O inverno estava rigoroso, as águas estavam presas por espesso gelo, para as aves e os animais da floresta chegavam tempos difíceis. A pequena ave voava sobre a estrada, procurando e encontrando nos sulcos nevados feitos pelos trenós grãosinhos, e junto aos locais de alimentação dos cavalos — migalhas de pão; mas ela mesma comia sempre apenas um grãosinho, uma migalha, e depois chamava para se alimentarem outros pardais famintos. Voava também pelas cidades, olhava em redor e, avistando pedaços de pão espalhados da janela por uma mão misericordiosa, comia também apenas um, e todo o resto dava aos outros.

Durante o inverno, a passarinha recolheu e distribuiu tal quantidade de migalhas de pão que todas juntas pesavam tanto quanto o pão sobre o qual Inge pisara para não sujar os sapatos. E quando foi encontrada e entregue a última migalha, as asas cinzentas da passarinha transformaram-se em brancas e abriram-se amplamente.

— Lá voa uma andorinha-do-mar! — disseram as crianças, ao verem a ave branca.

A passarinha ora mergulhava nas ondas, ora elevava-se ao encontro dos raios solares — e de repente desapareceu neste resplendor. Ninguém viu para onde fora.

— Ela voou para o sol! — disseram as crianças.